



O NOVO BARATO

DE WALL STREET

Entenda por que os investimentos em cannabis viraram sensação nos Estados Unidos e podem ser uma oportunidade para multiplicar seu patrimônio.

seudinheiro[®]





Caro leitor,

Foi-se o tempo em que **maconha** era assunto restrito apenas às páginas policiais. Com o avanço da legalização e o surgimento de um mercado novo e bilionário, a erva passou a marcar presença no noticiário financeiro.

A liberação da venda no Canadá e em alguns estados americanos resultou numa onda de investimentos que levou companhias às bolsas de valores, atraindo investidores do mundo inteiro. Você mesmo pode comprar, da mesma forma que compra uma ação na bolsa americana, tudo dentro da legalidade.

O assunto é controverso e ainda tratado como um certo tabu no Brasil, onde o porte e a comercialização são ilegais. Mas quem deseja ganhar dinheiro de verdade no mercado nos próximos anos simplesmente não pode mais fechar os olhos para ele. A expectativa é que, até 2022, esse mercado movimente US\$ 23 bilhões só nos Estados Unidos.

Minha crença é de que estamos diante de uma daquelas oportunidades que aparecem uma ou duas vezes na vida do investidor. E é importante deixar claro: não se trata de fazer apologia ou levantar bandeira a favor ou contra a liberação da maconha. Como especialista de mercado, me sinto no dever de compartilhar uma visão analítica sobre esse investimento.

Nas próximas páginas, você vai conhecer o caminho para explorar legalmente o mercado de maconha no Canadá e nos Estados Unidos, onde a indústria de produtos derivados da cannabis não para de crescer.

Boa leitura!

Gabriel Casonato

Editor da Agora Brasil e entusiasta do mercado de investimentos em cannabis

Índice

04. Maconha está na moda

Entenda por que as aplicações em cannabis passam por um boom lá fora

07. Quem é quem no mercado da erva

Como funciona a cadeia da indústria de maconha e quais são as principais empresas

10. Os tubarões estão se servindo

Já tem peixe grande investindo no segmento, como cervejarias e fabricantes de cigarro

13. Afinal, como ganhar dinheiro com maconha?

Um passo a passo de como aplicar no mercado de cannabis lá fora

18. Um negócio de alto risco e com concorrência ilegal

Conheça os riscos do mercado de cannabis e saiba onde mora o perigo

23. E o Brasil nessa história?

Estudos apontam um mercado de R\$ 4 bilhões, mas legalização é barreira

25. #Ficadica: não é todo dia que nasce uma indústria

Não existe ganho garantido na renda variável, mas vale a pena assumir um risco



Maconha está na moda

Entenda por que as aplicações em cannabis passam por um boom lá fora

Em uma palavra, a resposta é: legalização.

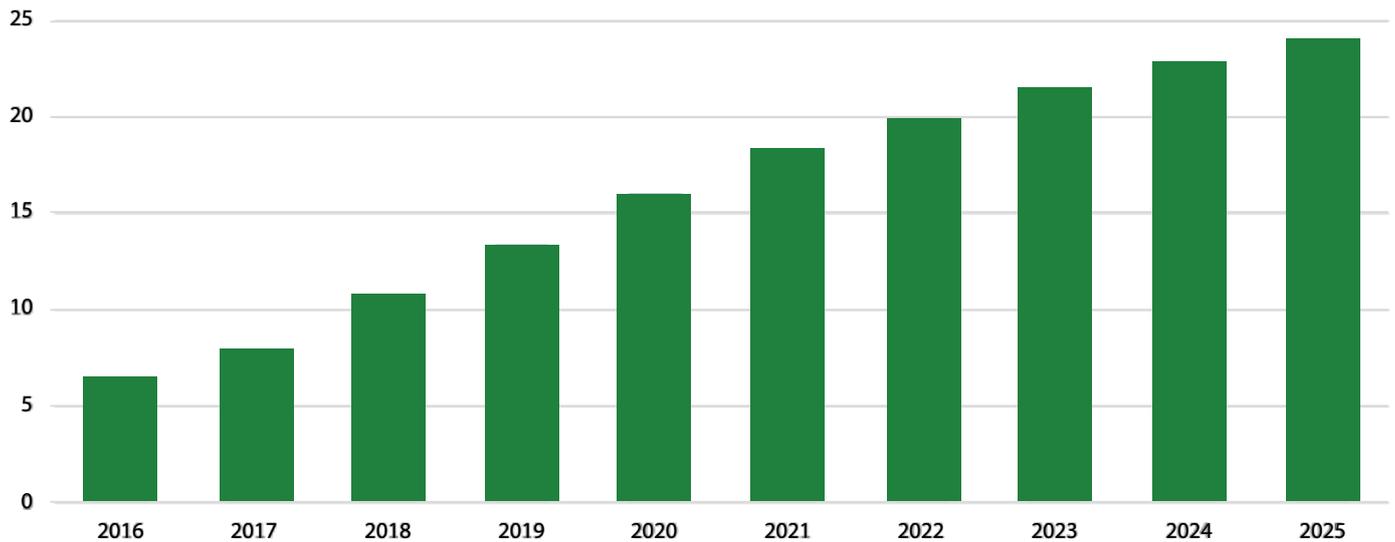
Em alguns dos Estados mais importantes dos Estados Unidos, como Califórnia e Colorado, e em todo o território canadense, muita gente já pode fazer na rua o que até pouco tempo atrás só podia fazer escondido: acender seus cigarros de maconha.

Com mais ou menos liberdade, o uso medicinal já é permitido em 47 dos 50 Estados americanos, atingindo quase a totalidade da população.

Em 2018, o Canadá tornou realidade uma das mais polêmicas promessas eleitorais do primeiro-ministro, Justin Trudeau, e se tornou o primeiro país do G7 (e o segundo do mundo, depois do Uruguai) a legalizar o consumo recreativo da erva.

Segundo a empresa de research Statista, o mercado legal de maconha nos EUA deve saltar 300% em uma década, saindo de US\$ 6,5 bilhões, em 2016, para US\$ 24 bilhões em 2025:

Índice de Mercado, em bilhões



Se colocarmos na conta os demais países que estão legalizando o uso recreativo ou medicinal da planta, como o próprio Canadá, Israel, Alemanha, dentre vários outros, a cifra prevista ultrapassa os US\$ 50 bilhões - montante superior ao movimentado pela indústria de refrigerantes nos EUA ou de cerveja no Canadá.

Prepare-se para o segundo boom

Mas apesar do cultivo e consumo serem permitidos em alguns estados americanos, a maconha ainda é ilegal nos Estados Unidos. Uma eventual legalização federal ou ao menos uma medida que dê a segurança jurídica necessária para que os empresários decidam investir com mais força e destravem de vez o mercado americano são, em minha opinião, os próximos grandes gatilhos para mais uma onda de forte valorização das ações de cannabis.

Por mais que o Canadá tenha quebrado um paradigma na recém-nascida indústria ao se tornar o primeiro país do G-7 a permitir o consumo recreativo, sua população inteira e seu PIB são menores do que os da Califórnia, o estado americano mais avançado hoje no que diz respeito à legalização.

Para se ter uma ideia do tamanho da diferença, a Arcview, uma das consultorias de referência do setor, estima que em 2018 foram gastos US\$ 12,2 bilhões no mercado legal de maconha - US\$ 10 bilhões nos EUA e apenas US\$ 1 bilhão

no Canadá. A previsão da Arcview é de que os gastos continuem crescendo a um ritmo muito forte até chegar em US\$ 32 bilhões em 2022. Estamos falando, portanto, de um mercado que deve quase triplicar de tamanho em um intervalo de apenas quatro anos.

Se as projeções se confirmarem, em alguns anos a maconha será um produto cotidiano e você terá perdido a grande chance de ganhar um bom dinheiro com ela se não fizer nada agora.

Mas é legal investir em maconha?

Antes de prosseguir, deixa eu te tirar essa dúvida, que é de muita gente, principalmente de quem está começando a olhar para o mercado de cannabis. Sob a ótica estrita de investimento, é importante ressaltar que tudo é feito de maneira lícita, num mercado com potencial gigantesco. Em outras palavras, o investimento em ações de cannabis atende a objetivos estritamente financeiros de lucro. Em dólares e dentro da lei.

*A legislação brasileira não proíbe explicitamente o investimento em ações ligadas a empresas que mexam legalmente com cannabis no exterior. Em janeiro, o repórter do Seu Dinheiro, Luis Ottoni, conversou com alguns advogados que lhe disseram **não ver, no âmbito legal, problemas** com esses investimentos no exterior e no retorno dos dividendos.*

“Não vejo empecilhos em trazer os dividendos para cá, desde que sejam de países e empresas legalizadas. Também não deveria haver problema algum em declará-los à Receita Federal”, explica Carla Rahal Benedetti, advogada criminalista e sócia da Viseu Advogados.

A especialista em direito e processo penal, Anna Julia Menezes, da Vilela, Silva Gomes & Miranda Advogados, diz, no entanto, que o investidor deve ficar atento aos riscos desse tipo de aplicação, porque, se algo der errado, ele não terá ajuda da Comissão de Valores Mobiliários (CVM), já que o investimento foi feito sobre regra de outro país.



Quem é quem no mercado da erva

Como funciona a cadeia de cannabis e quais são as principais empresas

Antes de mais nada, você precisa saber que a maconha é comercializada para dois tipos de usos: medicinal e recreativo. As duas substâncias mais conhecidas são o Tetrahydrocannabinol (THC) e o Canabidiol (CBD). O THC é responsável pelos efeitos alucinógenos. O CBD tem propriedades medicinais de relaxamento.

A maioria das empresas do setor de maconha com ações negociadas em Bolsa foca as operações no mercado medicinal.

Considerando Estados Unidos e Canadá, o número de empresas que atuam no mercado de cannabis e estão listadas em Bolsa já se aproxima de 300. Elas fazem parte da cadeia do setor, que se divide assim:

- **Plantadores:** empresas que cultivam a maconha geralmente em estufas, colhem e distribuem os produtos aos consumidores finais. É o caso da Canopy Growth
- **Empresas de biotecnologia:** focam no desenvolvimento de drogas que têm como base a cannabis, como a GW Pharmaceuticals
- **Fornecedores para plantações:** oferecem produtos e serviços que melhoram o processo de desenvolvimento agrícola. É o caso da empresa

Essas são algumas das companhias mais valiosas de cannabis do mundo:

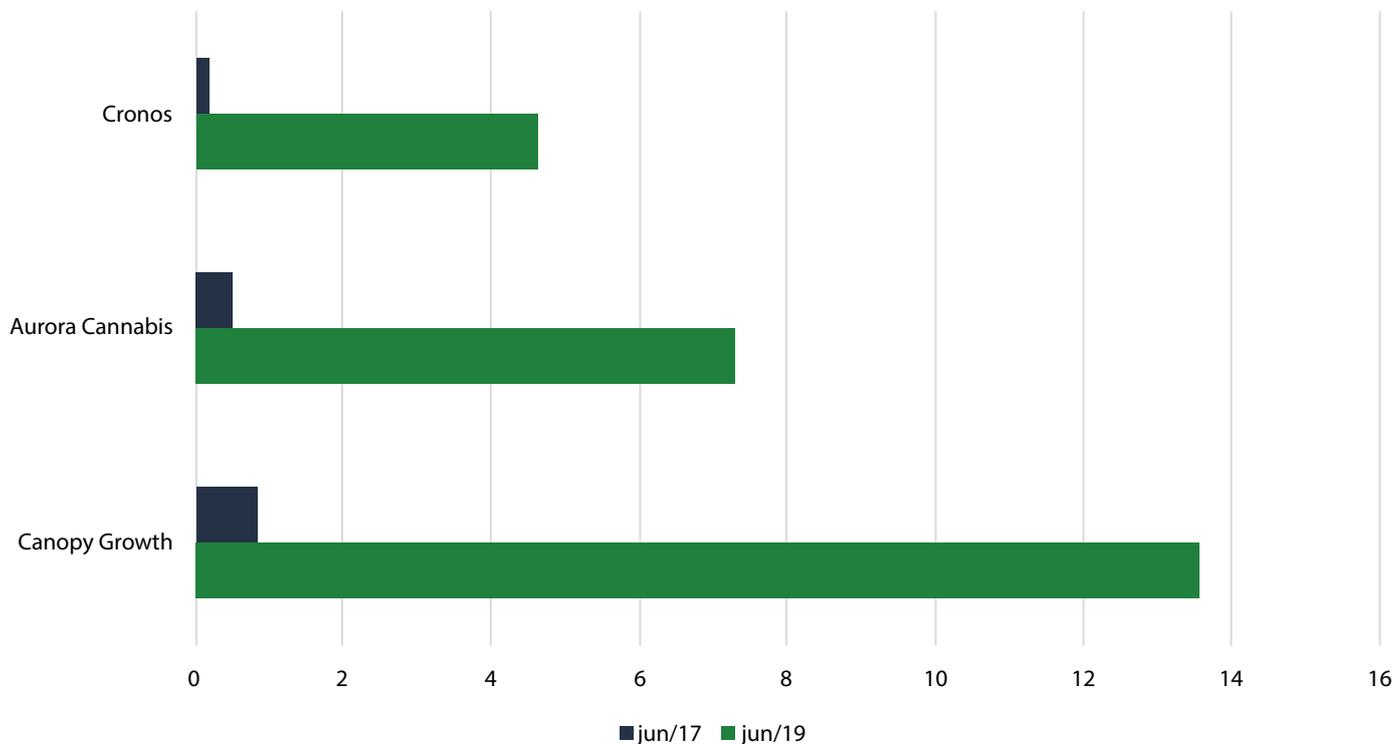
- **Canopy Growth.** Fundada em 2013, tem capital aberto na Bolsa de Toronto e na Bolsa de Nova York. É a queridinha entre os investidores do setor, especialmente porque detém desde o cultivo até a extração e produção final de produtos derivados da maconha. A empresa anunciou recentemente uma garota propaganda de peso: a icônica apresentadora de TV nos EUA, Martha Stewart, de 77 anos, que prestará consultoria para o desenvolvimento de uma nova linha de produtos para humanos e para animais.



- **Tilray.** Listada na Nasdaq, a Tilray foi a primeira produtora de maconha a fazer um IPO nos Estados Unidos, em julho de 2018. A empresa está baseada no Canadá, mas é administrada por norte-americanos.
- **Aurora Cannabis.** Criada em 2013, também no Canadá, a Aurora vende óleos e ervas para uso medicinal. Listou suas ações na Bolsa de Toronto em 2014 e, posteriormente, na NYSE. A Aurora opera em 21 países e possui uma forte presença na União Europeia. A companhia anunciou neste ano que o investidor bilionário Nelson Peltz será seu assessor estratégico.

Veja a evolução do valor de mercado das companhias de cannabis nos últimos dois anos:

Valor de mercado, em bilhões de dólares



*A Tilray valia US\$ 2 bilhões em julho/18 e encerrou junho/19 em US\$ 3,4 bilhões



Os tubarões estão se servindo

Já tem peixe grande investindo pesado nas empresas de cannabis, como cervejarias e fabricantes de cigarro

Se você ainda está na dúvida se é uma boa embarcar nesses investimentos, saiba que alguns tubarões do mercado já estão à caça de oportunidades. Algumas das principais fabricantes de bebidas e de cigarros do planeta já investiram em negócios ligados à indústria de cannabis.

O pontapé inicial foi dado em outubro de 2017, quando a Constellation Brands – que produz a cerveja Corona – comprou por US\$ 245 milhões uma fatia de 9,9% da Canopy Growth, a maior produtora de maconha do mundo e de longe a empresa mais valiosa do setor, com um valor de mercado em torno de US\$ 13 bilhões.

A operação foi tão bem-sucedida que, pouco tempo depois, em agosto de 2018, a **Constellation** decidiu aumentar sua participação: pagou US\$ 3,8 bilhões por mais



28,1%, elevando sua fatia na Canopy para 38%. Era um grande passo para uma nova tendência: as bebidas com infusões derivadas de compostos de maconha.

Nos dois meses seguintes ao anúncio da venda, a Canopy viu suas ações listadas em Nova York mais do que dobrarem de valor, caminho seguido por praticamente todos os demais papéis do setor. O movimento de uma multinacional ajudou o mercado a perder o medo.

Além do negócio entre Canopy e Constellation, a Molson Coors Brewing já anunciou uma joint venture com a canadense HEXO. Já a **AB InBev**, que tem entre seus principais acionistas Jorge Paulo Lemann, o homem mais rico do Brasil, fechou um acordo com a também canadense Tilray para estudar e desenvolver bebidas não alcoólicas à base de cannabis.

Essa lista deve aumentar consideravelmente, dado que a **Diageo**, maior fabricante de bebidas alcoólicas do mundo, e a **Coca-Cola** já confirmaram que estão monitorando de perto o crescimento deste mercado.

Empresas de outros setores, como o de cigarros, também já anunciaram investimentos na tentativa de abocanhar uma fatia dos bilhões que deverão ser movimentados pela indústria de cannabis nos próximos anos.

Em dezembro do ano passado, a Altria, uma das maiores companhias de tabaco e **dona do Marlboro**, pagou US\$ 1,8 bilhão por 45% das ações da Cronos, canadense entre as maiores empresas que atuam no mercado legal de maconha.

À espera dos americanos

A prosperidade de todos esses negócios dependerá, em grande escala, do tempo que os Estados Unidos levarão para legalizar ou ao menos abrandar as leis em nível federal.

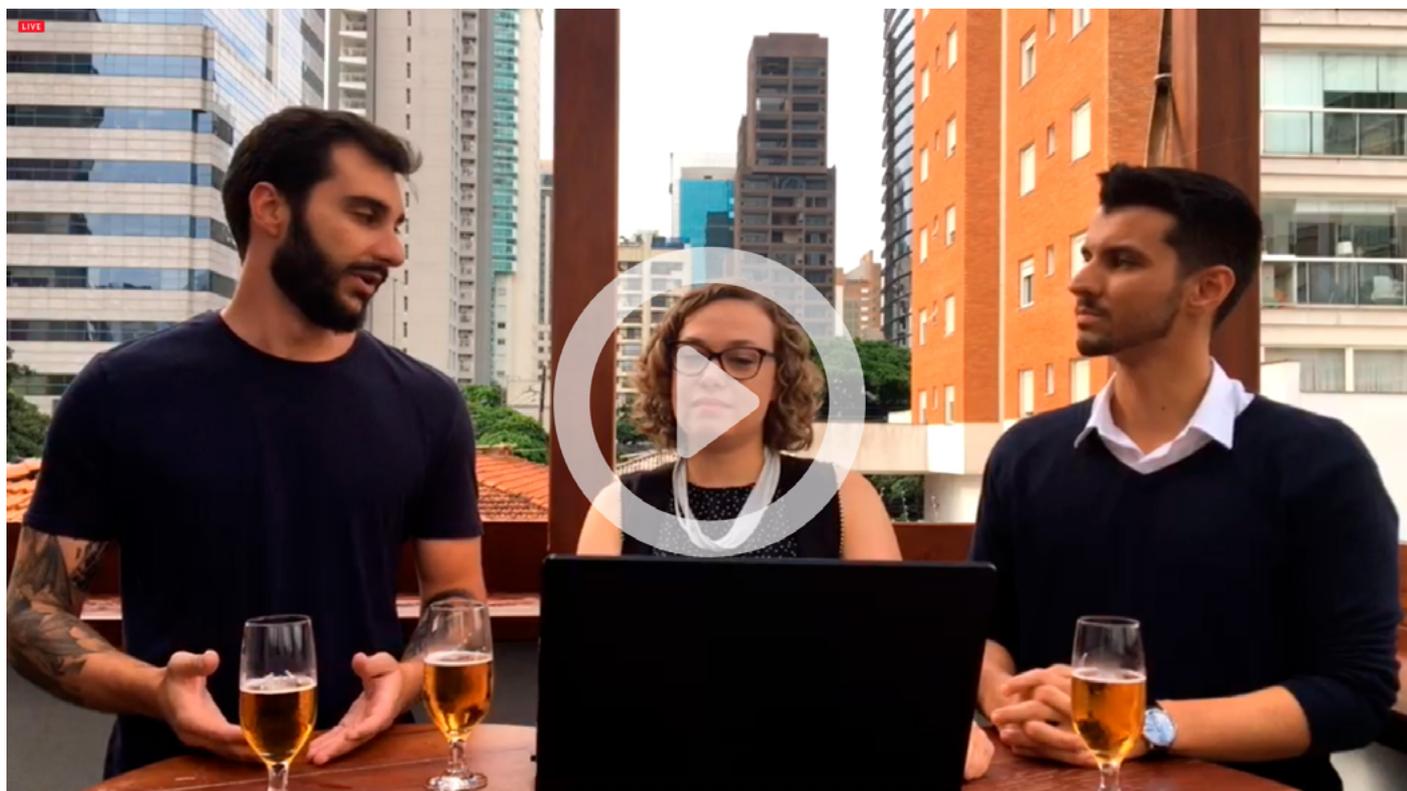
O canabidiol (CBD), ingrediente não psicoativo da maconha, ainda não é legal nos EUA. Enquanto o cânhamo, a fibra da cannabis, foi totalmente legalizado através da nova lei agrícola aprovada no final do ano passado, o canabidiol não foi incluído, mas colocado sob alçada da FDA, (Food and Drug Administration), órgão similar à Anvisa no Brasil. A FDA prometeu estudar caminhos que permitam às empresas adicionar o CBD a alimentos, bebidas e produtos para a

saúde.

A **CVS** e a **Walgreens**, duas das maiores redes de farmácias do planeta, decidiram se antecipar e já anunciaram a venda de produtos à base de CBD em suas lojas. As farmacêuticas se apoiam no fato de o canabidiol já ser parcialmente visto pelo FDA como uma droga médica.

A entrada de cada vez mais gigantes na indústria de cannabis é um sinal inequívoco de que as águas americanas também são seguras. De modo que minha recomendação aos investidores é que apenas tenham paciência para que a tese de investimento para o setor como um todo se concretize.

Assista



No happy hour do Seu Dinheiro, Gabriel Casonato, Marina Gazzoni e Enzo Pacheco discutiram as tendências da indústria, oportunidades de investimento e tiraram dúvidas dos leitores. Para assistir, basta acessar **neste link**.



Afinal, como ganhar dinheiro com maconha?

Um passo a passo de como aplicar no mercado de cannabis lá fora

Se você, assim como eu, acredita que esse segmento vai decolar, existe uma alternativa bastante eficaz para você investir na indústria de cannabis sem assumir um risco muito alto.

Uma boa maneira de começar é comprar não uma ação específica, mas, sim, um ETF – sigla para Exchange Traded Fund, que nada mais é do que um conjunto diversificado de ativos, como um fundo de investimento, negociado em Bolsa. Eles replicam um índice, como o Ibovespa, por exemplo.

Os ETFs são uma forma eficiente para o investidor apostar em um determinado setor de modo diversificado e com baixo custo. É um tipo de investimento relativamente recente no Brasil, mas que atrai cada vez mais recursos por facilitar a variação do portfólio.

Eu sugiro fortemente que você busque um ETF para embarcar no segmento. Diversificar é algo extremamente valioso em um mercado ainda incipiente, com a grande maioria das empresas ainda em fases iniciais. Não só pela dificuldade em medir o valor dos negócios, mas principalmente pelo fato de muitas das ações das empresas de maconha serem extremamente voláteis, sujeitas a solavancos despertados por batalhas jurídicas e notícias sobre regulação.

Desta forma, ao comprar o ETF estamos apostando na evolução do setor como um todo, minimizando os riscos de se expor a uma única empresa. Vale lembrar também que a maioria das empresas do setor com ações negociadas em Bolsa foca as operações no mercado medicinal, o que por si só já reduz consideravelmente os riscos associados ao investimento.

Atualmente, já é possível encontrar cinco ETFs dedicados exclusivamente ao mercado de maconha: o Alternative Harvest, o Horizons Marijuana Life Sciences, o AdvisorShares Pure Cannabis, o BetaPro Marijuana Companies 2x Daily Bull e o BetaPro Marijuana Companies Inverse

Esses ETFs dão um peso maior às empresas que atuam focadas no desenvolvimento de medicamentos e outros produtos voltados à saúde e qualidade de vida. As companhias canadenses têm exposição majoritária nesses fundos. No geral, as carteiras costumam ser bem parecidas, com muitas empresas em comum e pesos bastante próximos.

Veja no quadro a seguir as principais características de cada ETF:

ETF	Alternative Harvest	Horizons Marijuana Life Sciences	AdvisorShares Pure Cannabis	BetaPro Marijuana Companies 2x Daily Bull	BetaPro Marijuana Companies Inverse
Bolsa	Bolsa de Nova York (NYSE)	Bolsa de Toronto	NYSE Arca	Bolsa de Toronto	Bolsa de Toronto
Código	MJ	HMMJ.TO	YOLO	HMJU	HMJI
Composição	37 ações	48 ações	North American Marijuana Index	North American Marijuana Index	North American Marijuana Index
Principais empresas do índice	Cronos (14,85%) Canopy Growth (9,21%) Aurora (7,11%) Tilray (5,66%)	Cronos (14,85%) Canopy Growth (9,21%) Aurora (7,11%) Tilray (5,66%)	Organigram (8,49%) Green Organic Dutchman (8,05%) Aphria (6,79%)	Canopy Growth Aurora Cannabis GW Pharmaceuticals Curaleaf Holdings Cronos Tilray	Canopy Growth Aurora Cannabis GW Pharmaceuticals Curaleaf Holdings Cronos Tilray

As diferenças entre os ETFs

O AdvisorShares Pure Cannabis tem uma característica peculiar. Ele tem uma gestão ativa: está nas mãos de um gestor profissional especializado no mercado de cannabis, que pode incluir ou excluir empresas – ou apenas rebalancear a carteira – no momento em que ele bem entender. O Horizons Marijuana Life e o

Alternative Harvest têm gestão passiva.

Outra distinção importante em relação ao Alternative Harvest é que as 24 empresas que compõem a carteira do AdvisorShares Pure Cannabis estão envolvidas diretamente com a indústria de cannabis.

No MJ, que antes de se transformar em um ETF de cannabis era focado no setor imobiliário da América Latina, o portfólio possui empresas de jardinagem, como a Scotts Miracle Group, e a gigante do tabaco Philip Morris, na esperança de que elas entrem no mercado da maconha.

Daí que veio a ideia de batizar o fundo como “Pure Cannabis”, para deixar bem claro aos investidores que se trata do primeiro ETF listado em Nova York 100% focado em ações de maconha – o Horizons Marijuana Life Sciences também, mas é negociado na Bolsa canadense.

ETFs para quem gosta de alto risco

A empresa Horizons, responsável pelo lançamento em 2017 do primeiro ETF do mundo focado exclusivamente em ações da indústria legal de cannabis, anunciou em maio de 2019 o lançamento de mais dois fundos dedicados ao setor.

São eles: o BetaPro Marijuana Companies 2x Daily Bull, negociado na Bolsa de Toronto sob o código HMJU, e o BetaPro Marijuana Companies Inverse, com código HMJI.

Como o próprio nome indica, o primeiro é um ETF alavancado, que corresponde a duas vezes a performance do **North American Marijuana Index**, um dos principais índices de referência para o mercado norte-americano – leia-se Estados Unidos e Canadá – de maconha. Ele foi criado em janeiro de 2015 para monitorar as principais ações de empresas que operam na indústria legal de cannabis.

Na prática, ele é indicado para os investidores mais otimistas, na medida em que duplica o desempenho das principais companhias que atuam no setor.

Por exemplo, digamos que o North American Marijuana Index suba 2% em um

pregão. Neste caso, a variação de HMJU será positiva em 4%. Por outro lado, se o índice tiver um dia ruim e cair 3%, o ETF cairá o dobro, ou 6%.

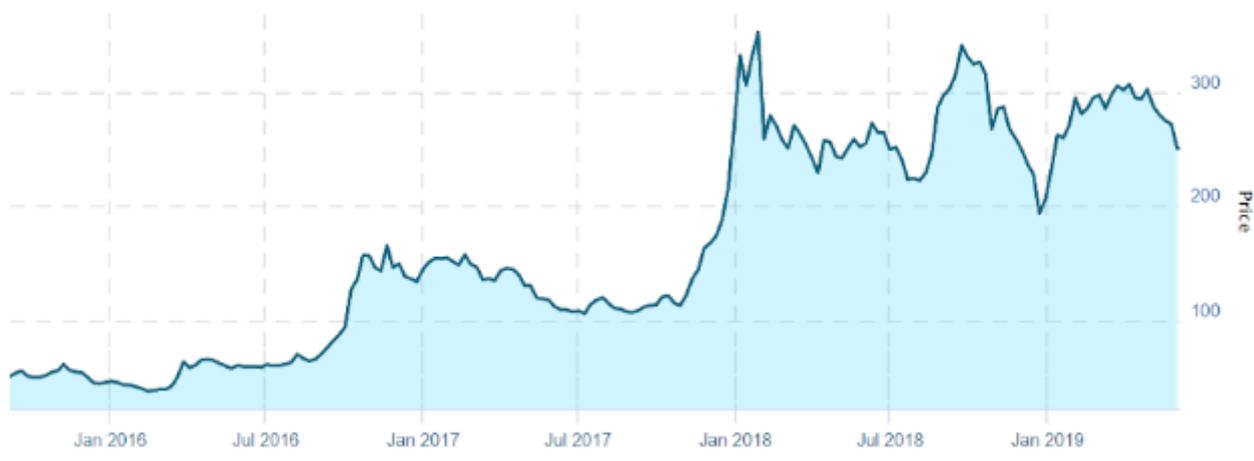
Por este motivo, trata-se de um ativo bastante arriscado, indicado apenas para aqueles que acreditam no avanço e consequente bom desempenho da indústria a longo prazo. E, não menos importante, para aqueles que também tenham estômago para suportar a volatilidade acima da média das ações de maconha.

O HMJI, por sua vez, é um ETF inverso, o que significa que ele proporciona uma exposição contrária ao índice de referência, shorteando ele na prática. Para os leitores que são iniciantes no mundo de investimentos em renda variável, “shortear” é vender a descoberto, ou seja, apostar na queda de uma ação ou índice.

Usando o mesmo exemplo acima, de uma alta de 2% para o North American Marijuana Index, o HMJI amargaria uma queda da mesma magnitude. Já no caso de uma queda de 3% para o índice, o ETF subiria os mesmos 3% - daí vem o “Inverse” no nome.

Ao contrário do que possa parecer, não é um ativo indicado apenas para aqueles pessimistas com o setor. Ele também pode ser usado para fazer hedge de uma carteira majoritariamente comprada no mercado de cannabis, reduzindo as perdas caso o racional para as empresas não se confirme.

Veja a evolução do North American Marijuana Index nos últimos três anos:



Como investir lá fora?

Embora seja burocrático, comprar ações diretamente no mercado americano ou canadense está longe de ser uma tarefa inalcançável. O **Seu Dinheiro** já mostrou o caminho das pedras **nesta reportagem**, em que você pode esclarecer todas as suas dúvidas. Mas vou fazer um resumo aqui para você já ter uma ideia geral.

Antes de mais nada, **é preciso abrir uma conta em uma corretora ou em um banco no exterior**. A maioria das corretoras exige um depósito mínimo, que varia de US\$ 500 a US\$ 2000, para aprovar a abertura de contas. A tarifa média por aplicação em ações varia de zero a US\$ 6,95. Os bancos pedem que você comprove residência nos EUA, o que inviabiliza o processo a distância e as taxas de custódia costumam ser mais altas.

Entre os **documentos solicitados para abertura** de conta, estão passaporte, comprovante de residência e CPF. Algumas corretoras também pedem visto americano e informações sobre o empregador, além do preenchimento de alguns formulários como o W-8BEN, uma espécie de certificado que te isenta de pagar taxas ao governo americano sobre seus rendimentos.

Algumas corretoras gringas para você colocar no radar: **TD Ameritrade, Interactive Brokers, Tradestation e First Trade**.

Outra informação importante: além do Imposto de Renda, o investidor brasileiro deve estar disposto a arcar com IOF (Imposto sobre Operações Financeiras) para mandar as remessas ao exterior - de 0,38% sobre o valor.

Para qualquer tipo de investimento no exterior, o leão comerá 15% de seus ganhos na volta ao Brasil. A tributação sempre incide na diferença entre o valor inicial que você enviou e os ganhos que você transferir de volta.



Um negócio de alto risco e com concorrência ilegal

Conheça os riscos do mercado de cannabis e saiba onde mora o perigo

Depois de focar muito no potencial do segmento como investimento, preciso também te alertar sobre os riscos envolvidos. Só assim você terá todas as informações suficientes para avaliar se esse investimento é para você.

A legalização não extingue o mercado ilegal de cannabis que já dominou as cidades, principalmente em estados fortemente regulamentados, como a Califórnia. Uma promessa da legalização era que a maconha regulamentada afastaria os consumidores das vendas ilegais. Mas o que se viu na Califórnia por enquanto é que a legalização não acabou com os traficantes.

O comércio ilícito inclui tudo, desde fazendas no norte rural do estado até dispensários não regulamentados que operam à vista de todos e serviços de entrega que levam a maconha às portas dos usuários.

O mercado ilícito ainda fornece cerca de 80% de todas as vendas de maconha na Califórnia, e as lojas legalizadas apenas 20%, segundo a BDS Analytics. O problema é tão grave que o chefe da comissão reguladora de cannabis do estado cobrou mais fiscalização contra fornecedores ilegais.

Os provedores do mercado negro não enfrentam despesas regulatórias, de seguro ou tributárias e podem, portanto, cobrar preços bem menores do que operadores legais.

“O mercado sem licença continua a florescer, em parte devido à vantagem financeira competitiva que tais operações têm sobre as empresas legais de cannabis”, reclamou a comissão consultiva de cannabis da Califórnia em seu relatório de 2018.

Em fevereiro, o estado divulgou que os impostos sobre vendas legais de cannabis e extratos de THC caíram durante o outono de 2018. Os tributos são recolhidos sobre as vendas de maconha medicinal e recreativa, o que significa que o comércio legal total diminuiu.

A ineficiência da Califórnia em acabar com o mercado ilegal levou outros estados americanos, como Colorado e Oregon, a adotarem estratégia diferente para a legalização da maconha. Eles fizeram concessões para dispensários (espécie de armazéns que vendem a cannabis) e licenças agrícolas para plantar a erva. Nesses estados, os preços legais de varejo despencaram e os dispensários respondem por cerca de 60% a 70% de todas as vendas.

Um exemplo problemático

Um caso em particular tem servido de alerta para toda a indústria norte-americana de maconha e envolve a varejista de cannabis mais famosa dos Estados Unidos, chamada MedMen. As últimas demonstrações financeiras da empresa apontam que ela corre o risco de ficar sem dinheiro dentro de alguns meses, a menos que consiga levantar mais capital.

As ações da MedMen, listadas na Canadian Securities Exchange e no mercado de balcão da Nasdaq, já caíram 60% desde o pico em outubro de 2018 até o fim de maio, reforçando a necessidade de uma devida diligência na hora de se escolher em quais papéis do setor investir.

A luta da MedMen mostra o desafio que as empresas de maconha enfrentam ao

operar em estados onde altos impostos e restrições de dispensários aumentaram os preços do produto legal. Na Califórnia, o principal mercado da MedMen, companhias legais altamente regulamentadas estão tendo que competir por clientes com revendedores ilícitos que cobram muito menos.

Com 16 lojas no final de 2018, a MedMen, que fica sediada na Califórnia, tentou uma estratégia diferente para conseguir comercializar a cannabis para novos usuários: em vez de focar em preço, decidiu oferecer uma experiência de alto nível em lojas elegantes. Não está dando muito certo.

Nos últimos seis meses de 2018, a MedMen perdeu US\$ 131 milhões, ou mais de US\$ 2 para cada dólar que vendeu. Para cobrir essas perdas e financiar seus planos de expansão, a empresa arrecadou quase US\$ 200 milhões de setembro a novembro. Esse dinheiro já se foi. No final do ano, a companhia tinha cerca de US\$ 80 milhões no banco.

Em seu mais recente relatório financeiro, emitido em 27 de fevereiro, ela alertou: “No nosso atual nível operacional, não teremos fundos suficientes gerados pelas operações para cobrir nossas necessidades operacionais de curto e longo prazos”.

Como alento ao setor, alguns dos problemas da MedMen parecem ser específicos da empresa, e não da indústria como um todo. Em janeiro, James Parker, que era o diretor financeiro da empresa até novembro, entrou na Justiça contra a MedMen, alegando que foi forçado a sair por causa de suas preocupações com os gastos e o comportamento não profissional dos dois principais executivos da companhia, Adam Bierman e Andrew Modlin.

Acostume-se com prejuízos no curto prazo

Os balanços das principais companhias divulgados entre fevereiro e abril de 2019 mostraram um certo padrão para a indústria legal de cannabis no quarto trimestre do ano passado. Eles receberam bastante atenção pelo fato de ser o primeiro período completo depois que o Canadá legalizou o uso recreativo da planta.

É importante ter em mente que prejuízos são normais para empresas que acabaram de deixar a fase pré-operacional, ainda arcando com custos pesados de investimentos.

Veja o resultado de três das maiores empresas do setor no quarto trimestre de 2018:

- **Canopy Growth (NYSE: CGC)**

A maior produtora mundial de maconha divulgou uma receita líquida de 83 milhões de dólares canadenses no trimestre, alta de 282% na comparação anual. Seu prejuízo ajustado antes de juros, impostos, depreciação e amortização, no entanto aumentou para 75,1 milhões, contra expectativa de 45 milhões dos analistas.

Os responsáveis foram os custos maiores relacionados a subsidiárias de cultivo que não estavam totalmente implementadas ao desenvolvimento de produtos comestíveis e bebidas, além dos preços médios menores para a cannabis recreativa em relação à medicinal.

Mesmo com a correção recente, as ações de Canopy sobem 37% em 2019 (até o início de junho). Mas ainda estão abaixo dos US\$ 48,60 que a Constellation pagou no ano passado para elevar sua fatia na companhia para 38%, o que para mim é um indicativo extra de que ainda vale a pena comprar o papel.

- **Aurora Cannabis (NYSE: ACB)**

A empresa também viu suas margens encolherem após o aumento dos custos para desenvolver novos produtos e a queda dos preços. Enquanto as vendas saltaram 362%, para 54,2 milhões de dólares canadenses, o prejuízo líquido de 238 milhões reverteu um pequeno lucro conquistado um ano antes.

Mesmo assim, o otimismo prevalece na companhia. Ela capturou 20% do mercado canadense no trimestre e vê uma grande oportunidade nas vendas medicinais ao redor do mundo. As ações da Aurora subiram 49% do início do ano até junho, principalmente por conta da expectativa de que a empresa

encontre um grande parceiro global para concretizar seus planos de expansão.

- **Tilray (NASDAQ: TLR)**

Suas vendas trimestrais cresceram de US\$ 5,1 milhões para US\$ 15,5 milhões na comparação anual, superando a estimativa de US\$ 14,1 milhões. Mas seu prejuízo no período saltou de US\$ 2,9 milhões para US\$ 31 milhões, ficando bem acima da previsão de US\$ 13 milhões.

Para 2019, a empresa declarou que sua receita pode triplicar em relação aos US\$ 43 milhões registrados no ano passado. O otimismo se deve ao fato de ela estar posicionada para atender à demanda crescente do canabidiol, por meio da Manitoba Harvest, empresa adquirida em fevereiro. Ao contrário das concorrentes, a Tilray vê sua ação cair 48% no ano, porque o mercado passou a questionar o valuation da empresa após o papel ter chegado a multiplicar por mais de dez vezes o valor meses após o IPO.



E o Brasil nessa história?

Estudos apontam para um mercado inicial de R\$ 4 bilhões, com 3,4 milhões de consumidores após a legalização - que ainda deve demorar

Toda a expectativa em torno da legalização nos Estados Unidos não se aplica ao Brasil. Aqui, embora algumas startups já estejam começando a surgir de olho nesse mercado, a regulamentação tende a demorar mais para se concretizar.

No Brasil, tanto o uso medicinal quanto recreativo é ilegal. A importação de alguns produtos à base de canabidiol tem que ser autorizada pelo governo, com devida prescrição médica. Em 2014, o debate ganhou força com a luta de famílias que queriam tratar seus filhos com canabidiol. Os pais de Anny Fischer, que sofre de uma doença rara, foram os primeiros a conseguir autorização da Anvisa para importar legalmente a substância.

Em 2015, a agência autorizou o uso terapêutico do canabidiol e, no ano seguinte, estabeleceu regras para a prescrição médica e a importação de medicamentos. Desde então, cerca de 4 mil brasileiros já obtiveram autorização para importar o CBD. A maioria deles se dispõe a pagar um preço alto pelo produto, com o tratamento podendo chegar a R\$ 3 mil por mês.

Nada disso, no entanto, fez mudar a Lei de Drogas no Brasil: o uso de maconha continua sendo considerado crime e o cultivo pode ser considerado tráfico. A

descriminalização da maconha está sob análise do Supremo Tribunal Federal (STF).

Ainda assim, os números apontam para um possível mercado relevante do canabidiol também no Brasil. De acordo com levantamento da New Frontier Data, o número de consumidores no país pode chegar a 3,4 milhões em apenas três anos após a liberação da venda legalizada.

Com isso, o segmento poderia movimentar sozinho cerca de R\$ 4,4 bilhões. Para se ter uma ideia do que isso significa, o valor equivale a 6% do total do faturamento da indústria farmacêutica no Brasil.

É importante ressaltar que estamos falando apenas do uso medicinal - cuja liberação tende a evoluir mais rápido no mercado brasileiro.

A Organização Mundial da Saúde passou a exigir neste ano que a maconha e seus principais componentes sejam formalmente reclassificados para fins medicinais nos tratados internacionais sobre drogas. Uma medida que pode marcar o início do fim da proibição global da cannabis após quase 60 anos de restrição.



#Ficadica: não é todo dia que nasce uma indústria

Não existe ganho garantido na renda variável, mas vale a pena assumir um risco para desbravar uma indústria

Investir em ações de maconha, sobretudo com foco no curto prazo, é bastante arriscado - como você deve ter percebido ao ler esse eBook. As empresas ainda precisam encontrar um caminho para a rentabilidade, o que, na minha opinião, vai acontecer com o tempo. Há, sim, um potencial indiscutível de ganhos altos para quem investir em um negócio que pode ganhar musculatura com a legalização da maconha.

Haverá um processo de consolidação entre as empresas e as mais fortes vencerão. Outras vão morrer na praia. É por esse motivo que sugiro que os investidores se atenham aos grandes nomes ou comprem “cestas de ações” de várias companhias. Como você viu aqui, existem maneiras bastante eficientes de se expor à indústria com um risco reduzido, seja através dos ETFs ou de uma carteira que contemple os principais players de cannabis.

De qualquer forma, temos, sim, um mercado multibilionário se abrindo bem diante dos nossos olhos. E agora talvez seja a sua última grande oportunidade de ganhar um bom dinheiro com ele, mesmo que você tenha pouco para começar.

Se você está convencido de que os recentes avanços em diversos países

fatalmente culminarão na legalização da maconha em esfera global e possui estômago para tolerar a volatilidade acima da média, vá em frente e vire um investidor de um dos setores mais promissores da atualidade. Com o agravante de se estar fazendo isso em moeda forte.

Um abraço e bons investimentos!

Gabriel Casonato

Créditos

Esse conteúdo foi produzido pela
equipe do **Seu Dinheiro**.

Saiba mais sobre o projeto **aqui**.

Reportagem

Gabriel Casonato

Luis Ottoni

Coordenação

Marina Gazzoni

Edição

Naiara Oscar

Design

Andrei Moraes

Imagens

Shutterstock

Siga o **Seu Dinheiro**
nas Redes Sociais

